

O pensador poeta e poeta pensador e sua obra

Em uma carta a Alfonso Reyes de novembro de 1948, em razão da possível publicação do seu primeiro livro de poesias *Libertad bajo palabra*, Octavio Paz demonstra a amorosa, e por isso também tensa, convivência entre pensamento e poesia. O segundo parágrafo inteiro da carta é um indício precoce da clara consciência autocrítica que será uma das mais notáveis, e distinta, característica da obra poética e ensaística de Octavio Paz.

Pela sua nudez contundente, a sua confissão excede o que poderia ser a compreensível modéstia do aprendiz diante do mestre consagrado:

Espero com muito interesse suas críticas. Depois de um ano, copiando e ordenando os poemas - e de não sei quantos corrigindo-os sem trégua - sinto-me confuso e não sei o que pensar do que escrevi. Às vezes, nem os considero meus. Não se preocupe em ser duro comigo, pois tudo que escrevi até agora considero como exercício e preparação. Não sem certa hipocrisia, eu sempre digo a mim mesmo que um dia - quando eu tiver o tempo que agora me roubam os trabalhos burocráticos - poderei me dedicar por inteiro à poesia. Deste modo, entrego minha presunção e minha negligência se justifica.¹

Como a flecha de Zenão de Eléia - sempre em disparada rumo ao seu alvo, sempre imóvel na tensão do seu vôo - a obra de Octavio Paz nunca deixa de se modificar, ao mesmo tempo em que se reafirma. A mudança é a sua natureza, e é exatamente a mudança que torna a sua obra mais e mais íntima, mais sua. Porque para Paz, cada nova aventura poética ou crítica - é a mesma coisa - consegue alterar sua obra sem descaracterizá-la. A mudança ou a familiar confirmação, não são senão máscaras, isto é: metáforas dessa batalha dialética constante que se equilibra na própria fonte do pensamento e da obra de Octavio Paz.

¹ STANTON, Anthony. *Correspondencia : Alfonso Reyes / Octavio Paz (1939-1959)* (Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998), p.64-65.

* "Espero con mucho interés su juicio. Después de un año de copiar y ordenar los poemas - y de no sé cuántos de corregirlos casi sin tregua - me siento perplejo y no sé qué pensar de lo que he escrito. A veces, ni lo considero mío. No le importe ser duro conmigo, pues todo lo que he escrito hasta la fecha lo considero sólo como ejercicio y preparación. No sin cierta hipocrisia me digo siempre que algún día - cuando tenga el tiempo que ahora me roban los trabajos oficinescos - podré entregarme por entero a la poesía. De este modo entrego a mi vanidad y mi pereza se justifica." Tradução de Fabio Neves.

Desde o romantismo, a literatura moderna aproximou o fazer poético do pensamento crítico. Criação e reflexão caminham juntas, em sua obra e em sua vida. A perspicácia do pensador Octavio Paz é fruto da sensibilidade do poeta Octavio Paz - poeta pensador, pensador poeta. Celso Lafer, seu ex-aluno, amigo e admirador, afirmou que "criação e reflexão foram, na experiência de Octavio Paz, vasos comunicantes."² E por esse motivo, na família dos escritores, Lafer o integrou, como Dante e Goethe, a família dos poetas-pensadores com as devidas particularidades. "Com Dante, e mesmo com Goethe, o poeta-pensador ainda tem o poder de nomear as coisas e a palavra alcança uma correspondência analógica com a realidade."³ Não é o que ocorre desde o romantismo, e Paz, "como poeta-pensador contemporâneo, da mesma maneira que Valéry, lida com a mudança e confronta-se com a modernidade."⁴

A apaixonada reconciliação de opostos que está no núcleo de toda a sua obra se encontra nesta oposição, que ao mesmo tempo é uma momentânea reconciliação dessa luta, que é comunhão - sua cifra única. Em sua luta com o *outro*, Octavio Paz perde e encontra o seu eu e o seu o *mesmo*.

O estudo da obra de Paz pode ser realizado, portanto, a partir de muitos ângulos e a partir de qualquer uma das suas obras: todas se referem, em última análise, a mesma parte essencial do pensamento do poeta. *O labirinto da solidão*, *O arco e a lira*, *A outra voz*, *O mono gramático*, *Os filhos do barro*, *A dupla chama*, *Conjunções e disjunções* e outros tantos títulos de Paz que aludem, direta ou metaforicamente, ao movimento que não cessa, à mudança que é o endosso do mesmo, à flecha em disparada e em repouso em pleno vôo.

Por essa qualidade central, é possível tomar um de seus livros e retroceder pelo caminho para chegar à sua essência. Apesar de alguns serem mais periféricos, isto apenas torna o caminho mais longo. Os outros estão, ou parecem estar no mesmo centro. Mas a mesma dialética do movimento denuncia a ilusão do centro. O caminho será sempre um longo processo, mas nem por isso devemos desanimar. Para começar a trilhar esse caminho, agora, tomaremos uma de suas

² LAFER, Celso. Sua palavra se ajustava à criação e à crítica. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 26 de abr. 1998. Caderno 2, p. 1.

³ Ibid., p. 1.

⁴ Ibid., p. 1.

obras fundamentais, *O arco e a lira*, e tentaremos mostrar através da dialética o movimento de mudança e reafirmação, de reafirmação e mudança, do trabalho do poeta e pensador, do pensador e poeta: Octavio Paz.

1.1.

Biografia e formação de Octavio Paz

Prêmio Nobel de Literatura em 1990, o autor mexicano Octavio Paz ocupa um lugar privilegiado no cenário das Letras contemporâneas. Sua extensa obra abarca poesia e ensaios de temas tão diversos como antropologia, crítica de arte e de idéias políticas e filosóficas. Entre os que se destacam *O labirinto da solidão*, um profundo estudo do caráter mexicano, *O arco e a lira*, uma reflexão sobre o fenômeno poético e seu lugar na história, e *A dupla chama*, uma análise do erotismo e do amor. Como diplomata, jornalista e inclusive, ativista político esteve na Espanha, França, Japão, Índia e nos Estados Unidos.

Octavio Paz Lozano nasceu na Cidade do México, em 1914. Sua infância transcorreu na casa da família no antigo *Mixcoac*, hoje um bairro da Cidade do México, mas na época era um povoado claramente separado dela. De sua obra, depreende-se que Paz viveu em uma antiga casa, com um jardim e muitas árvores, onde teve muitos momentos de felicidade com sua família.⁵ Alguns primos o visitavam para brincar, mas pode-se dizer que ele era uma criança solitária, pois passava a maior parte do tempo entre adultos: com seu avô, sua mãe, seu pai e sua tia.

Criança entre adultos taciturnos
e suas terríveis criancices,
criança pelos corredores de portas altas,
habitações com retratos,
crepusculares confrarias dos ausentes,
criança sobrevivente
dos espelhos sem memória e seu povo de vento:
o tempo e suas encarnações
dissolvido em simulacro de reflexos.
Em minha casa, havia mais mortos que vivos.⁶

⁵ PAZ, Octavio. *Evocación de Mixcoac*(1989) e *Infancia e historia*(1992). IN: Octavio Paz, *Claridad Errante*. (Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1996), p. 25-42, 43-69.

* As informações pessoais sobre a vida e infância de Octavio Paz foram retiradas dos ensaios citados acima, assim como, de uma análise de alguns de seus poemas.

⁶ "Niño entre adultos taciturnos/ y sus terribles niñerías,/ niño por los pasillos de altas puertas,/ habitaciones con retratos,/ crepusculares cofradías de los ausentes,/ niño sobreviviente de los espejos sin memoria y su pueblo de viento:/ el tiempo y sus encarnaciones/ resuelto en simulacros de reflejos./ En mi casa los muertos eran más que los vivos." Fragmento de *Pasado en Claro* (1974). Tradução de Fabio Neves.

Octavio paz conviveu com uma família paterna orgulhosamente *criolla*, assentada no México havia muitas gerações e uma família materna de origem andaluz.

De seu lado paterno, Paz herdou uma tradição literária e combativa, pois seu avô fora um iminente intelectual liberal que lutou contra a intervenção francesa e, posteriormente, partidário do presidente ditador Porfírio Dias. Esse avô, além de ser um homem de ação política foi também um notável escritor - com o qual Paz estabeleceu uma forte relação de parceria. O avô era ilustrado, interessado e apaixonado pela História do México, pelas cenas políticas, sociais e expressou suas memórias, literariamente, em romances de aventura do tipo capa e espada - com fugas de prisões e alianças com bandos políticos. Seu pai, assim como seu avô, foi um ativo jornalista político, e atuou como revolucionário ao lado de Zapata. Tinha uma postura de combate, beligerância. Também era assim em sua atividade jornalística sempre em torno do projeto de reforma agrária de Zapata. Ele conhecia bem os camponeses, pois lutara por eles. Assim, através de seu pai, Octavio Paz estabeleceu contato profundo com o povo mexicano - experiência decisiva para a formação de Paz.

Em um ambiente familiar onde convergia atividade política e literária Octavio Paz descobriu sua própria vocação poética. Não é difícil supor que Paz tenha sido, desde garoto, como foi quando adulto, até mesmo em sua velhice uma pessoa muito disposta a ser cativada pela sonoridade das palavras. Na casa do avô havia uma imponente biblioteca. E desde cedo, sua tia o enchia de poesia: primeiro, a poesia espanhola e, posteriormente, a poesia universal.

Paz começou a escrever poemas muito cedo - ainda adolescente. E muito cedo, também, começou a refletir sobre o ato de escrever poemas. Por volta dos nove anos, ele tentou compor, combinar palavras e sons, já que a poesia começa mais com os ouvidos que com o cérebro. Com a interação entre sons e sentidos, de repente, todos os sons passam a ter sentido. O menino Octavio escrevia, mas ele sentia que, de certo modo, o poema escrevia a si mesmo.

Estou onde estive:
vou atrás do murmúrio,
passos dentro de mim, ouvidos com os olhos,
o murmúrio é mental, eu sou meus passos,

olho as vozes que eu penso,
as vozes que me pensam ao pensá-las.
Sou a sombra que lança minhas palavras ⁷

Os poetas que mais influenciaram o seu período de formação foram os mexicanos do grupo da revista *Contemporáneos*: Xavier Villaurrutia, Jorge Cuesta, José Gorostiza e os espanhóis da geração de 27; García Lorca, Luis Cernuda e Rafael Alberti. Paz costumava ler muitos poetas simbolistas da época, poetas românticos e escrevia poemas de amor.

Em 1932, Paz ingressa na universidade para estudar direito, pois na época, acreditava-se ser esta a carreira apropriada a alguém com vocação para as ciências humanas. Após anos de estudo na universidade, aconteceu uma grande mudança, quando ele se deparou com a verdadeira poesia moderna, ele descobriu sua verdadeira vocação: ser poeta. Aos 22 anos, Octavio Paz ao ler *The Waste Land*, ficou fascinado pelas estruturas do poeta norte-americano T. S. Eliot, o qual se tornou uma influência determinante para o jovem poeta mexicano. Para Paz, finalmente, a poesia moderna significava a sociedade moderna, a História na poesia moderna.

Nos anos 30, todo escritor considerava a relevância da História - ela era um espelho, um juiz, um tribunal, uma paisagem na qual cada pessoa ou sociedade se inseria. Paz e seus contemporâneos estavam obcecados com os problemas filosóficos, que se tornaram problemas políticos para a sua geração. A militância poética era sinônimo de militância política. Atuar na poesia já supunha uma implicação social, uma implicação revolucionária.

Em 1937, aos 23 anos de idade, Octavio Paz abandonou ao mesmo tempo sua casa, a universidade e a cidade do México. Decidiu que não queria seguir carreira tradicional, ser professor, advogado, nem qualquer outra coisa. Paz queria ser poeta e, também, revolucionário. Na companhia de amigos, rumou para o sudeste mexicano, em Yucatán, onde havia rebeliões populares. Paz correu até lá para testemunhar e ajudar em algo concreto e revolucionário. Em Yucatán, atuou como militante para criar comunas e criou uma escola para filhos de operários e camponeses. A experiência no sudeste mexicano o inspirou a escrever o poema

⁷ "Estoy en donde estuve:/ voy detrás del murmullo,/ pasos dentro de mí, oídos con los ojos,/ el murmullo es mental, yo soy mis pasos,/ oigo las voces que yo pienso,/ las voces que me piensan al pensarlas./ Soy la sombra que arrojan mis palabras." Fragmento de *Pasado en Claro* (1974). Tradução de Fabio Neves.

Entre a Pedra e A Flor, no qual denuncia a situação de abandono em que viviam os descendentes dos maias.

Após uma estada de quatro meses em Yucatán, Paz viaja para a Espanha onde estourara a guerra civil e participa do Segundo Congresso Internacional de Escritores Antifascista em Valência. Octavio Paz foi para a Espanha porque acreditava muito na causa Legalista, bem como se identificava com a luta do povo espanhol. Assim como milhares de jovens do mundo todo, Paz tomou partido. Em seu caso, assombrado pela Guerra Civil espanhola, aliou-se aos republicanos pelo que então eram as frentes populares e a esquerda. Nessa temporada, Paz conheceu o povo espanhol, sobretudo as pessoas comuns que sofriam com a guerra e vivenciou/experimentou, de fato, o significado de uma palavra que usamos muito, mas que vivemos apenas em momentos de perigo real: fraternidade.

as máscaras podres
que dividem um homem dos outros,
um homem de si mesmo,
desmoronam-se
por um instante imenso e vislumbramos
nossa unidade perdida, o desamparo
que é ser homem, a glória que é ser homem
e compartilhar o pão, o sol, a morte,
e o esquecido assombro de estarmos vivos ⁸

Mas a experiência espanhola foi ambígua, no sentido moral, porque a fraternidade dos espanhóis para com os fascistas, de certo modo, fora tocada ou danificada pelo autoritarismo por parte das facções e do governo. Nesse momento de efervescência política a favor da República espanhola ele se deu conta de que todos os partidos comunistas e socialistas estavam, na realidade, criando um grande dogmatismo. A verdadeira fraternidade deve ser baseada na liberdade. Não podemos amar nosso vizinho se não formos livre para amá-lo. Não se pode impor a fraternidade.

O congresso antifascista na Espanha lhe deu a oportunidade de conhecer e trocar ideias com grandes poetas latino-americanos como César Vallejo, Vicente

⁸ "las máscaras podridas/ que dividen al hombre de los hombres,/ al hombre de sí mismo,/ se derrubian/ por un instante inmenso y vislumbramos/ nuestra unidad perdida, el desamparo/ que es ser hombres, la gloria que es ser hombres/ y compartir el pan, el sol, la muerte,/ el olvidado asombro de estar vivos." Fragmento de *Piedra del Sol* (1957). Tradução por Fabio Neves.

Huidobro e Pablo Neruda. Paz conheceu Neruda - o qual o encorajou muito - quando era bem jovem. Neruda se entusiasmou com o primeiro livro do mexicano, *Libertad bajo palabra*, e foi um dos primeiros escritores a achar que Octavio Paz poderia se tornar um verdadeiro poeta. Quando Neruda vai ao México, os dois se tornam muito amigos, apesar de discutirem muito por conta do Partido Comunista. O assassinato de Trotsky foi algo terrível para Paz. Neruda, pelo contrário, achava que era uma necessidade política. Depois disso veio a guerra, a invasão da Polônia, da Finlândia e Octavio Paz rompe com os comunistas. Neruda, assim como Rafael Alberti, continua ortodoxamente apoiando o Partido Comunista. Paz, como crítico do comunismo, afasta-se, então, de Neruda.

A obra de Paz não só se enriqueceu pelo contato com os movimentos políticos, mas também pela força renovadora de algumas correntes estéticas de vanguarda como o Surrealismo. Suas estadas em Paris foram decisivas, onde fez amigos, sobretudo André Breton, a quem respeitou muitíssimo e ao grupo surrealista. Breton nunca perdeu por completo a fé na revolução, mas era muito mais lúcido e perceptivo do que a maioria de seus contemporâneos.

Não o fogo, mas a brasa do Surrealismo, tocou Paz. Essas brasas que por um lado o inibiram, deram à sua poesia, de origem hispânica, barroca, uma enorme liberdade de imaginação. Ao entrar em contato com o Surrealismo, Paz descobre a afirmação da rebelião, da liberdade, do amor, da imaginação e a ligação de tudo isso com a poesia. Ele via o Surrealismo não como movimento estético, situado na história, mas como uma disposição de ânimo, uma atitude diante do mundo. No declínio do movimento surrealista no pós-guerra, Octavio Paz, assim como, Luis Buñuel, no auge do movimento Surrealista, foram movidos pela mesma razão. Não por motivos estéticos, mas por razões morais.

No início de 1944, Paz deixa o México para viajar aos Estados Unidos para aproveitar sua bolsa de estudos Guggenheim - uma viagem muito diferente das anteriores. Ao contrário de Yucatán ou Espanha, os Estados Unidos são outra cultura, possuem outro idioma e outro clima intelectual. Depois de uma breve permanência em Los Angeles - onde testemunha os motins dos *pachucos* contra a repressão policial norte-americana - Paz se estabelece em São Francisco.

O período na Califórnia se prolonga até o início do ano seguinte, quando a sua bolsa de estudos encerra e começa a trabalhar como correspondente

jornalístico da revista mexicana *Mañana* durante a conferência mundial que acontecia em São Francisco e da qual resultaria a fundação das Nações Unidas. Os artigos de *Mañana* são importantes não apenas pelo que revelam da sua aprendizagem política nesse momento, como também porque sua difusão no México lhe abrirá, no final do mesmo ano, a porta para o serviço diplomático mexicano. Terminada a conferência mundial, Paz se muda para Nova Iorque em busca de recursos econômicos durante uma época precária tanto para ele quanto para o país. Nessa época, trabalha em diversos empregos (entre eles, a dublagem em espanhol para o cinema comercial norte-americano), e no decorrer desse verão, como professor na *Escuela de Idiomas del Middlebury College* em Vermont, cuja planície serviu de cenário para seu encontro com o poeta norte-americano Robert Frost.⁹ Em setembro, regressa a Nova Iorque para participar de uma homenagem ao poeta mexicano José Juan Tablada, que havia falecido um mês antes na mesma cidade. Mas esse retorno dura pouco: em dezembro se muda para Paris, para assumir funções na embaixada mexicana.

Em 1945, Paz ingressa no serviço diplomático mexicano, atividade que imprime um caráter ainda mais universal a sua obra. Durante essa etapa de sua vida, reside na Europa e na Ásia. A carreira diplomática permitiu ao escritor se dedicar a literatura, conhecer outros países e, também manter uma distancia crítica de seu próprio país e sua língua. Além de permitir a luta por uma inclusão do México e sua cultura na discussão mundial. Grandes escritores franceses e latino-americanos foram diplomatas. Neruda, que atuou como cônsul, durante muitos anos o aconselhou a entrar no serviço diplomático.

O pós-segunda-guerra foi uma escola severa e vivificante para Octavio Paz. Ele sofreu revelações como a da natureza opressora do regime soviético, no qual ele havia visto o começo da emancipação dos homens, e viveu muitos conflitos: a guerra fria, as convulsões da América Latina, os movimentos de independência na Ásia e na África, as polêmicas e as disputas filosóficas e políticas.

Ao chegar em Paris em dezembro de 1945, triunfava o existencialismo, pensamento que ele conheceu por suas leituras de Husserl, Heidegger e outros filósofos alemães. Por conta disso, e por outras razões literárias, ele não podia se

⁹ *Visita a un poeta* IN: Octavio Paz, *Las peras del olmo* (Barcelona: Seix Barral, 1974), p. 160.

sentir próximo de Sartre e seus amigos. Muito menos, dos comunistas. No entanto, sentiu por Albert Camus uma espontânea e profunda simpatia. A atração foi recíproca, embora seus encontros tenham sido breves.

O grupo que o atraiu desde o princípio foi o surrealista, apesar de seu declínio evidente: dilacerado e desgastado por muitas lutas e disputas. Era um grupo de poetas livres em uma cidade intoxicada por teorias e ideologias que exacerbavam uma paixão lisérgica mas que não iluminavam as almas.

Antes mesmo de chegar a Paris Octavio Paz admirava as atitudes do grupo surrealista, sua rebeldia, sua intransigência com relação ao estalinismo e outras perversões políticas, sua irreverência diante das instituições e dos poderes constituídos (igrejas, governos, partidos, escolas, honras e prêmios), assim como admirava vários poetas e artistas.

A personalidade magnética de Breton o atraía e suas idéias o seduziram, embora não conseguissem o convencer de tudo. Interessou-o a idéia de liberdade e do amor único - heranças do romantismo - mas via com ceticismo a crença ingênua de Breton na *escrita automática*. Tampouco compreendia a hostilidade de Breton com relação ao cristianismo e a sua fascinação pelas ciências ocultas. Sentia o mesmo com relação à sua indiferença, por vezes verdadeira antipatia, com relação às tradições, às ideias e às crenças que Octavio Paz via como constitutivas não só da nossa civilização, como do nosso próprio ser. Como condenar civilizações e épocas inteiras: a pintura do Renascimento, a escultura grega, o romance do século XIX, a poesia árabe ou chinesa e, em um domínio mais limitado, embora, essencial, quando se ama a poesia, pode-se depreciar a prosódia ou a música do verso? No entanto, nada disto perturbava o afeto e a admiração de Octavio Paz por Breton. Suas afinidades eram mais de ordem ética e espiritual do que estética e filosófica.

Em 1950, durante sua permanência em Paris, Octavio Paz publicou seu primeiro livro de ensaios, *O Labirinto da Solidão*, considerado uma das análises mais completas e penetrantes já escritas sobre a realidade mexicana. Paz se importava, desmedida e obsessivamente, com a idéia de liberdade. Liberdade como modo de agir de um indivíduo e na sociedade, algo distinto do autoritarismo. Não há crítica sem democracia e sem o exercício da crítica não há liberdade. *O Labirinto da Solidão* foi uma tentativa de Paz autocriticar suas raízes, de conhecer sua própria sociedade.

Octavio Paz começou a escrever *O Labirinto da Solidão* quando visitou a Califórnia, nos anos 40. O fenômeno dos *pachucos* - o que conheceríamos depois como o mundo *chicano* - o intrigou, o fascinou e o impulsionou a se perguntar o que significava ser mexicano.

Velho ou adolescente, crioulo ou mestiço, general, operário ou bacharel, o mexicano surge como um ser que se fecha e se preserva: mascara o rosto, e mascara o sorriso. Plantado na sua arisca solidão, espinhoso e cortês ao mesmo tempo, tudo lhe serve para que se defenda: o silêncio e a palavra, a cortesia e o desprezo, a ironia e a resignação. Tão ciumento de sua intimidade como da alheia, não se atreve sequer a roçar com os olhos o vizinho: um simples olhar pode desencadear a cólera destas almas carregadas de eletricidade. [...] Sua linguagem está cheia de suspensões, figuras e alusões, reticências; em seu silêncio há dobras, matizes, nuvens, arco-íris súbitos, ameaças indecifráveis. [...] O mexicano está sempre longe, longe do mundo e dos outros. E longe também de si mesmo.¹⁰

Paz concluiu que o mexicano não era uma essência, mas sim uma história que devia ser estudada e que mexicanos e latino-americanos eram "pela primeira em nossa história, contemporâneos de todos os homens." ¹¹ *O Labirinto da Solidão* é, no início, uma descrição moral de uma sociedade. Neste sentido, segue a tradição dos moralistas. Mas, a parte mais importante do livro de Paz é a meditação histórica, ou a meditação sobre a história mexicana.

Em *O Labirinto da Solidão* o México está presente como um tema literário e se os temas, hoje, podem parecer controversos ou próprios de uma época, a prosa segue tão viva e tão fecunda sempre como a primeira vez. Intelectuais do mundo todo, que visitavam o México liam, antes, *O Labirinto da Solidão*.

Depois de terminar *O labirinto da solidão*, Paz iniciou a elaboração de um texto sobre a poesia, que era uma continuação e, em parte, uma retificação do que havia escrito em 1942. O estudo começou como "um ensaio de umas 60 páginas sobre a poesia no mundo moderno" ¹², escreveu Paz em uma carta em maio de 1951 a Don Alfonso Reyes. Já em sua correspondência de março de 1952 ele já se referia ao trabalho como "um pequeno livro sobre a poesia [...] um manuscrito de

¹⁰ Octavio Paz, *O labirinto da solidão* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984), p. 30.

¹¹ Octavio Paz, *O labirinto da solidão* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984), p. 173.

¹² STANTON, Anthony. *Correspondencia: Alfonso Reyes / Octavio Paz (1939-1959)* (Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998), p.148.

* "Un ensayo de unas 60 páginas sobre la poesía en el mundo moderno." Tradução de Fabio Neves.

120 páginas: quatro capítulos e um apêndice." ¹³ No dia 25 de julho de 1953, ele escreve a Reyes que "aquele livrinho sobre a poesia se transformou em um livro de cerca de trezentas páginas." ¹⁴ Em 1955, Octavio Paz consegue a publicação de *O arco e a lira* com a ajuda de Alfonso Reyes.

Em 1962, Paz foi designado para uma missão diplomática em um país onde se estenderiam os horizontes de sua poesia. Ao confrontar-se com uma civilização como a indiana, ao mesmo tempo tão diferente e tão parecida com a mexicana, pela carga milenar e relação conflituosa com o Ocidente, Paz ficou surpreso pelo erotismo ser exaltado na religião ao invés de ser execrado. Na Índia, o sexo é sagrado, casais fazem amor nos templos, como uma revelação do sagrado na natureza. Lá ele conheceu Marie José com quem se casou. Nunca se separaram, até a morte.

Inacessível se te penso
com os olhos te apalpo
te olho com as minhas mãos.
Os sonhos nos separam
e o sangue nos une:
somos um rio de pulsações
Sob tuas pálpebras
amadurece a semente do sol.
O mundo não é real ainda,
o tempo desconfia:
só é certo o calor de tua pele.
Em tua respiração escuto
a maré do ser,
a sílaba esquecida do Começo. ¹⁵

O erotismo é uma das vertentes mais importantes em sua obra e o tema do amor está presente em grande parte de sua produção poética. Em 1965, na Índia,

¹³ STANTON, Anthony. *Correspondencia: Alfonso Reyes / Octavio Paz (1939-1959)* (Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998), p.174.

* "...un manuscrito de 120 páginas: cuatro capítulos y un apéndice..." Tradução de Fabio Neves.

¹⁴ STANTON, Anthony. *Correspondencia: Alfonso Reyes / Octavio Paz (1939-1959)* (Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998), p.208.

* "Aquel librito sobre la poesía se ha transformado en un libro de cerca de trescientas páginas." Tradução de Fabio Neves.

¹⁵ "Inaccesible si te pienso,/ con los ojos te palpo,/ te miro con las manos./ Los sueños nos separan/ y la sangre nos junta:/ somos un río de latidos./ Bajo tus párpados/ madura la semilla del sol./ El mundo no es real todavía,/ el tiempo duda:/ solo es cierto el calor de tu piel./ En tu respiración escucho/ la marea del ser,/ la sílaba olvidada del Comienzo." Tradução por Fabio Neves de fragmento de *Antes del Comienzo* (1964-1968).

Paz escreve os primeiros esboços do que seria 30 anos mais tarde o seu ensaio *A dupla chama*, onde explora os significados do erotismo e do amor.

O fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha do erotismo e esta, por sua vez, sustenta outra chama, azul e trêmula: a do amor. Erotismo e amor: a dupla chama da vida.¹⁶

A dupla chama sintetiza a visão de Octavio Paz sobre o amor na literatura, na arte e na vida dos homens e das mulheres. É realmente excepcional, que um dos mais importantes ensaios da literatura universal sobre o amor tenha sido escrito por um homem em seus 80 anos. Um livro formidável, escrito com paixão e com a convicção de que a liberdade também alcança a vida sensual e sexual. *A dupla chama* faz Paz recordar da poesia provençal, assim como o que aprendeu sobre o erotismo, do ponto de vista oriental e da transgressão erótica do pensamento poético do século XX.

... o amor é, simultaneamente, consciência da morte e tentativa de fazer do instante uma eternidade. Todos os amores são infelizes porque todos são feitos de tempo, todos são o nó frágil das criaturas temporais que sabem que vão morrer; em todos os amores, até nos mais trágicos, há um instante de felicidade que não é exagerado chamar de sobrenatural¹⁷: é uma vitória contra o tempo, um vislumbrar do outro lado, esse mais além que é um aqui, onde nada muda e tudo o que é realmente é.¹⁸

Sua temporada na Índia foi, sem dúvida, uma das mais produtivas e felizes, no entanto, não podemos falar o mesmo do motivo pelo qual o poeta deixou Nova Délhi. Em outubro de 1968, Octavio Paz abandona o serviço diplomático em protesto ao massacre de estudantes realizado pelo governo mexicano na *Plaza de las Tres Culturas* em Tlatelolco. Uma etapa de sua vida se encerra e se inicia uma outra mais agitada publicamente.

A renúncia de Octavio Paz e suas declarações à imprensa internacional enfurecem o governo mexicano. A imprensa internacional o ataca. Nos anos seguintes, muitas outras vezes, Paz será protagonista publicamente controvertido por expressar suas opiniões e por suas posições políticas.

¹⁶ Octavio Paz, *A dupla chama* (São Paulo: Siciliano, 1994), p. 7.

¹⁷ Na tradução de 1994, de Wladir Dupont, ele utiliza a palavra *sobre-humana*, eu preferi utilizar a palavra *sobrenatural*.

¹⁸ Octavio Paz, *A dupla chama* (São Paulo: Siciliano, 1994), p. 189.

No início de 1964, ele traduziu *O arco e a lira* para o francês com a ajuda do poeta Roger Munier. Octavio Paz fez mudanças consideráveis ao traduzir o livro e ampliou os questionamentos da primeira edição. Essa mudanças foram incluídas, além de *Os signos em rotação*, na edição mexicana de 1967. *Os signos em rotação* pode ser encarado como uma espécie de ponte entre *O arco e a lira* e o seu livro seguinte, *Os filhos do barro*, fruto das suas conferências realizadas em Harvard no primeiro semestre de 1972, e publicado em 1974.

Os filhos do barro, coincide com outra mudança na vida de Octavio Paz, que o escreveu nos Estados Unidos. Ele havia vivido nesse país durante sua infância e, mais tarde, em sua juventude, mas sempre como estrangeiro. Agora, sua relação era mais íntima: não só ganhava a vida com seu trabalho como também participava da sua vida intelectual. Como mexicano, os Estados Unidos foram para ele uma presença constante. Mas nesse momento de sua vida, a imensa realidade histórica norte americana se desdobrou em algo mais precioso: seus escritores e, especialmente, seus poetas.

Os filhos do barro retoma e desenvolve o tema final de *O arco e a lira*: as relações entre poesia e história. Nele, Octavio Paz procurou descrever, como diz no prólogo, pela perspectiva de um poeta hispano-americano, o movimento poético moderno e suas relações contraditórias com o que chamamos *modernidade*. Sua reflexão abrange desde o nascimento da tradição moderna até o ocaso das vanguardas. O fenômeno não é apenas estético já que abrange a sociedade contemporânea: vivemos o crepúsculo de muitas das hipóteses que fundaram há dois séculos atrás a modernidade. Entre elas duas básicas: o culto ao futuro e a idéia de progresso, em suas duas vertentes, a evolucionista e a revolucionária.

Após *Os filhos do barro* seus ensaios seguintes continuam e ampliam a reflexão sobre o fim da tradição da ruptura e dos mitos gêmeos que a alimentaram: o futuro e a revolução. Esses ensaios também são uma ponte, como foi *Os signos em rotação*, que conduzem ao texto mais recente, *A outra voz*, de 1990, que trata do lugar e da função da poesia ao finalizar o século XX.

Encerra-se com *A outra voz* uma meditação iniciada há mais de 50 anos. Regresso ao ponto de partida? Sim e não. Vivemos não o fim de um século mas sim de uma era histórica. Inicia-se uma outra época ou, segundo ocorrido mais de uma vez, a crise de hoje é o prelúdio de um renascimento? Quem o sabe?

Em 1990, Octavio Paz torna-se o primeiro mexicano a receber o Premio Nobel de Literatura por decisão unânime da Academia Sueca. Octavio Paz foi, decididamente, um homem que exerceu um poder sobre os demais, que exerceu uma grande sedução. Paz vivificou o meio literário, criando revistas, impulsionando atitudes e lutou o tempo todo pela importância da poesia.

Octavio Paz morreu em abril de 1998, vítima de câncer, pouco depois de completar 84 anos. A notícia do seu falecimento enlutou o mundo das Letras. O México perdia um dos mais lúcidos e universais expoentes literários. Um ano antes de sua morte, criou-se a fundação que leva seu nome, cujo propósito é promover a investigação e a produção literária além de difundir a obra e pensamento do poeta.

Octavio Paz foi antes de tudo, um poeta. Assim se definia e assim queria ser lembrado. Combinou, como muito poucos escritores de língua espanhola, a poesia com o pensamento. Então podemos dizer que a poesia de Octavio Paz é uma poesia filosófica, uma poesia que penetra os mistérios da alma e da liberdade humana. Com a poesia, ficamos cientes de nossa solidão no universo. Por outro lado, sabemos que pertencemos ao universo e que somos parte deste mundo.

Entre o que vejo e o que digo,
entre o que digo e o que calo,
entre o que calo e o que sonho,
entre o que sonho e o que esqueço,
a poesia.

Escapa
entre o sim e o não:
diz o que calo, cala
o que digo, sonha
o que esqueço.
Não é um dizer: é um fazer.
É um fazer que é um dizer.
A poesia se diz e se ouve: é real
E, mal digo é real, se dissipa.
Será assim mais real? ¹⁹

¹⁹ "Entre lo que veo y digo,/ entre lo que digo y callo,/ entre lo que callo y sueño,/ entre lo que sueño y olvido,/ la poesía./ Se desliza/ entre el sí y el no:/ dice lo que callo,/ calla lo que digo,/ sueña lo que olvido./ No es un decir: es un hacer./ Es un hacer que es un decir./ La poesía se dice y se oye: es real./ Y apenas digo es real, se disipa./ ¿Así es más real? " Fragmento de *Decir: Hacer*. Tradução de Fabio Neves.

1.2

Breve Análise da Obra de Paz

1.2.1 Ensaaios

Como um ensaísta, Paz sucedeu a uma distinta tradição das letras hispânicas, que inclui José Ortega y Gasset e Alfonso Reyes, espíritos semelhantes com relação à multiplicidade de mudanças de rumo e à curiosidade da tradição do conhecimento. Os ensaios de Paz sobre poesia e poética, em particular *O arco e a lira*, 1956 e *Os filhos do barro*, 1974, descrevem a modernidade como uma variedade de um mesmo tema, a tradição da ruptura, na poesia Ocidental, um fascinante paradoxo que para Paz foi emblemático para nossa condição contemporânea. Ler a obra de Paz, é compreender conexões que estão além do espaço e do tempo. Em uma frase arrebatadora, ele une Rubén Darío e Matsuo Basho, *calligrammes* de Apollinaire e os códices remanescentes do início da literatura mexicana. Pode-se encontrar nos ensaios de Octavio Paz uma similaridade que combina, ou contrasta, dois ou mais grupos culturais porque ele definiu tradição - a tão perniciosa palavra do cânone modernista - não como um conjunto de regras e preceitos, mas como um espaço aberto para a difusão e articulação de idéias.

1.2.2 Poesia

A mesma consciência intelectual dos ensaios de Octavio Paz podem ser encontradas em sua poesia, em particular em suas principais compilações, *Libertad bajo palabra*, 1949 (revisado em 1960, 1968, 1981 e 1988) e *Ladera este*, de 1969. Em seus poemas está fundamentada a multiplicidade da obra de Octavio Paz: é uma forma de expressão na qual o poeta cria em ponto de encontro entre filosofia e arte, pensamento e sensação, especialmente nos seus mais ambiciosos poemas, *Piedra de sol*, de 1957, e *Blanco*, de 1967.